

Novos Usos para Lugares de Memória: História e Património Artístico da Quinta Alegre entre os séculos XVIII a XXI

**MARIA ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA
CÂMARA**

*Doutoramento / Professora Auxiliar
da Universidade Aberta/ Lisboa,
CHATA/ ARTIS_FLUL /
Portugal, agagodacamara@sapo.pt*

TERESA CAMPOS COELHO

*Doutoramento/ Arquitecta e
Historiadora de Arte, CHAM -
-FCSH - Universidade Nova de
Lisboa / Portugal,
teresacamposcoelho@gmail.com*

RESUMO:

No contexto da investigação em curso sobre o importante património edificado da família Telles da Silva¹ (Marqueses de Alegrete, Condes de Tarouca e Marqueses de Penalva), pretendemos apresentar nesta comunicação um estudo de caso a Quinta Alegre em S. Sebastião da Charneca, cuja construção está atribuída a Manuel Telles da Silva, (1641-1709). Já no século XIX a hoje denominada Quinta Alegre passaria para a posse de José Bento de Araújo (? – 1844), rico comerciante de Lisboa, responsável pela (re)construção da casa nobre hoje existente. Edifício e a sua envolvente configuram o exemplo de uma das mais requintadas quintas de recreio tardo-barrocas e românticas dos arredores de Lisboa. Estando na posse da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa desde 1983, a presente comunicação resulta da investigação que elaborámos para esta instituição, em colaboração com os outros membros da equipa tendo em vista a sua reabilitação.

PALAVRAS-CHAVE:

Quinta de Recreio; Lisboa; Manuel Telles da Silva; José Bento de Araújo; Reabilitação de Património.

UMA QUINTA DE RECREIO NUM SÍTIO PRIVILEGIADO

Classificada como Imóvel de *Interesse Público*², a Quinta Alegre ou do Alegrete também designada por Quinta das Flores, Quinta da Marqueza ou do Fanqueiro³, situa-se na Estrada da Charneca, uma das principais vias de ligação de Lisboa com o seu termo no século XVIII. À semelhança do que acontecia ao longo do Tejo, também esta parte da cidade seria, desde longa data, procurada como local de veraneio por uma elite que, gozando dos bons ares e da aprazível vista sobre o outro lado do rio, aliava a estas características as potencialidades agrícolas que este subúrbio oferecia, como é descrito nas *Memórias Paroquiais* de 1758⁴.

Embora a tradição atribua a Manuel Telles da Silva (1641-1709), 1º Marquês de Alegrete e 2º Conde de Villar Mayor a sua fundação⁵ não encontramos qualquer documentação que o confirme, nem mesmo qualquer referência a esta quinta na correspondência que o Marquês trocou com os seus familiares, como aconteceria com a Quinta das Lapas, principal residência de veraneio que possuía perto de Torres de Vedras, por ele citada nessa mesma correspondência.

Alguns documentos indiciam, no entanto, que ela possa ter estado na posse da família ao longo do século XVIII, tal como se infere da petição feita ao Senado de Lisboa em 1735, pelo seu neto, o 3º Marquês de Alegrete Manuel Telles da Silva (1682-1736), sobre a dívida que deixara o pai, Fernão Telles da Silva (1662-1734) 2º Marquês de Alegrete, na qual expunha “que por ordem dos Senados destas Cidades, se lhe fazia execução no rendimento de hua quinta, e cazas contiguas a ella, sita ao chafariz de Arroyos”⁶ – neste chafariz começava então a dita Estrada da Charneca. E, já na segunda metade do século XVIII as *Décimas da Cidade* nos dão nesta mesma via, a partir de 1764 (então incluída na Freguesia de S. Sebastião da Pedreira), a existência de casas e quintas pertencentes a um seu sucessor, o Conde de Villar Mayor (ou Marquês de Penalva), que não usava então o título de Marquês de Alegrete.

Com efeito, alguns dos espaços e dos elementos arquitectónicos e decorativos que hoje

podemos ver na Quinta Alegre apontam ainda para o século XVIII.

No entanto, a única documentação que atesta ter a quinta pertencido aos Marqueses de Alegrete diz respeito já ao início do século XX, situação que se manteria até à sua compra pela Santa Casa da Misericórdia em 1983⁷.

Desconhecemos também como a propriedade terá passado no século XIX para José Bento de Araújo (? – 1844), rico comerciante de Lisboa. Em 1822 aparece-nos já nas *Décimas* da freguesia de S. Bartolomeu da Charneca como proprietário de várias parcelas, entre as quais uma propriedade cuja descrição sugere a sua identificação com a quinta que temos em estudo, sendo a primeira vez que ela aparece descrita como *casas nobres*⁸, integrada num contexto que corresponde ao de uma grande exploração agrícola⁹.

A enorme fortuna que juntou como comerciante permitiu-lhe reunir um imenso património, nomeadamente em Lisboa (de que faziam parte as *casas nobres* na Rua de S. Francisco, em que se integrava o emblemático edifício do atual Largo da Biblioteca Pública nº 10 – (Fig.1) que passaria a ser, nas gerações seguintes, a residência da família. Falecido em 1844 sem descendentes diretos, esse património viria a ser herdado pelos sobrinhos, maioritariamente por Joaquim Pereira da Costa que, embora destinado pelo tio à vida comercial, se distinguiria como diretor do Banco de Portugal. E, por morte deste, herdado pelos seus descendentes¹⁰.

AS CASAS NOBRES DE JOSÉ BENTO DE ARAÚJO

Descrita como propriedade de exploração agrícola, a Quinta Alegre terá sido inicialmente constituída por adega, lagar, vinha, pomar de espinho e caroço, horta, oliveiras e terra de sementeira para além das “casas nobres” propriamente ditas (como vêm citadas nas *Décimas* de 1822, como referimos), situadas num dos extremos da propriedade, cuja entrada principal se faz pela Estrada da Charneca, no Campo das Amoreiras (Fig.2). De planta retangular e forma paralelepípedica, o edifício é caracterizado por uma austeridade que remete

para uma arquitetura vernacular de características chãs. Nas fachadas abrem-se janelas retangulares com molduras retilíneas em cantaria, de peitoril no primeiro andar, e de sacada com gradeamento de ferro forjado no segundo.

Se não está ainda comprovada uma construção inicial por Manuel Telles da Silva, 1º Marquês de Alegrete, indubitável é a grande campanha de obras empreendida por José Bento de Araújo em 1819, data assinalada no portal em ferro forjado - sem a pedra de armas que caracterizava a entrada das grandes casas senhoriais dos séculos XVII e XVIII, as iniciais *JBA* que encontramos também no interior, remetem agora para um contexto económico e social de nobilitação de uma burguesia que se afirmaria ao longo de todo século XIX.

Do pátio de recebimento, para o qual dá a fachada principal (situada num dos lados de menor dimensão do edifício) tem-se acesso, por sua vez, à zona das antigas cocheiras e adegas, e ao jardim propriamente dito.

Na fachada principal (Fig.3) abrem-se quatro vãos por piso (cujas molduras apresentam um tratamento que os distinguem dos outros vãos, reforçando a sua importância como fachada principal), correspondendo os dois centrais do piso térreo à entrada principal (separados por uma figura de convite) e os laterais a janelas de peitoril e, no andar nobre, janelas de sacada individuais.

As fachadas laterais abrem-se sobre a Estrada da Charneca (Fig.4) e sobre o jardim. Articuladas em três panos separados por pilastras de cantaria são compostas por oito vãos por piso, numa composição ritmada e simétrica (2+4+2). Na fachada aberta sobre o jardim as quatro janelas centrais estão unidas por uma única varanda de sacada, salientando o papel do corpo central como eixo da composição simétrica que caracteriza essa mesma fachada. Esta reforça a ligação do edifício com a sua envolvente, numa relação privilegiada com a panorâmica sobre o Tejo que dela se disfruta, e com o jardim que se assume como um prolongamento da área social da casa.

PROGRAMAS DECORATIVOS: PINTURA, ESTUQUE E AZULEJO

A história deste espaço - a casa e a respetiva envolvente está, como constatamos, associada à história e à vivência das principais famílias que a habitaram até meados do século XX e por isso respetivamente ligada a uma transformação material dos seus interiores e exteriores, que refletem vivências culturais anteriores que vão sendo alteradas pela adopção de novos modelos na construção das quintas de recreio.

Ao entrar e atravessar o portão, o visitante depara-se com uma estrutura fechada - pátio de entrada relacionado com a função de receber - e constituindo-se muito provavelmente como uma ante-sala de visitas.

Aqui o azulejo integra e reveste a arquitectura com as 4 cenográficas figuras de convite inscritas num padrão monocromático datado aproximadamente do 2º quartel do século XVIII, (Fig. 3) uma composição bastante dinâmica que lembra as laçarias dos revestimentos seiscentistas e rematados por pilastas robustas em *trompe-oil*.

Prosseguindo o percurso, a entrada da casa é antecedida por um vestíbulo, espaço que marca o início do interior do edifício ladeado por duas salas que poderão ter servido funcionalidades diversas. Acede-se através de um arco em cantaria a um extenso corredor central que, atravessa todo o edifício até à fachada tardoza, tal como se verifica também no andar nobre. Ele regula e distribui a circulação interna na casa, de acordo com a crescente exigência que, desde os finais do século XVIII, se vinha impondo numa maior definição funcional dos espaços internos das habitações.

No interior, destacam-se as salas de aparato; sucessão de *casas* (utilizando a expressão coeva) ou compartimentos, uns de carácter mais social localizados junto à entrada e abertos sobre o jardim, e, os destinados a um quotidiano mais íntimo e privado situados à esquerda e junto do tardoza do edifício.

A circulação vertical é assegurada por uma escada em madeira de reduzidas dimensões para uso doméstico, situada junto da cozinha, e por outra de aparato, de grandes dimensões em

pedra, que se desenvolve em dois lanços com patamar, situada à direita do átrio de entrada.

A maioria da azulejaria que encontramos no interior do edifício pertence à segunda metade do século XVIII, intervenção decorativa bem marcada nas escadarias, nas conversadeiras e silhares do vestíbulo, a qual poderá remeter para um edifício pre-existente neste século, como já referimos

Nos dois pisos da casa sobressai paralelamente a riqueza decorativa das pinturas oitocentistas que revestem os tetos e paredes, bem como o revestimento azulejar que encontramos não só na grande escadaria, mas também a pontuar outros espaços.

Os interiores da Quinta Alegre através dos seus atributos decorativos apresentam um cenário magnífico de sugestões visuais e carga simbólica registado em diferentes revestimentos murários das suas dependências.

O revestimento das paredes num programa decorativo integrado que aqui encontramos é muito revelador do gosto do seu proprietário e do respetivo grupo social dominante que promovia uma imagética muito própria. Mais do que um gosto decorativo, este tipo de pintura encerra em si uma carga de significados e de afirmação do poder da uma burguesia nobilitada.

O ambiente das salas é alegre, festivo, “ao gosto de Pillement”¹¹ com cenas enquadradas por decoração vegetalista, como cornucópias, laços, flores e folhas de acanto.

Embora a linguagem vegetalista seja dominante - grinaldas, festões, cartelas, e motivos soltos de grande efeito decorativo - surge também figuração, tais como meninos em brincadeiras e atividades alusivas às artes. (Fig. 5)

A grande sala de aparato (Fig. 6) é o espaço social privado mais importante da casa, restrito certamente a uma elite reconhecida e onde a decoração é total, profusa, pela extensão e unidade decorativa que proporciona, cobrindo integralmente as paredes de forma sumptuosa, acolhedora e uniforme. Virada ao jardim, está decorada com pinturas murais formando falsas arquiteturas de colunas sobre balaustrada, e de onde se descortina uma paisagem luxuriante de árvores, plantas e pássaros, assumindo-se como

um complemento à própria paisagem natural que dela se disfrutar.

No teto, um medalhão central, limitado por grinalda com ramos de videira com cachos de uvas, figuras da mitologia clássica, elementos geométricos e vegetalistas e cestos com alimentos em cartelas e frisos completam a decoração¹².

A qualidade plástica é grande e a simetria, perspectiva e fantasia da sua pintura fazem deste espaço um conjunto de grande qualidade cenográfica.

Outras salas se sucedem: em destaque a dedicada às Artes, decorada respetivamente com elementos a ela alusivos; o pequeno oratório, em cujo medalhão central do teto está desenhada a pomba do Espírito Santo; e a designada *Sala dos Panos*, (Fig.7) muito provavelmente um quarto localizado no ângulo sul, mais privado e com vista para o pátio e jardim. Expõe uma decoração cenográfica em drapeados de tecido, ornado ao centro com símbolos do Amor, tema recorrente e persistente nestas decorações, repetido no medalhão central.

Em algumas salas encontramos tectos estucados que completam a decoração da casa que foram igualmente objeto da recente campanha de restauro.¹³

O exuberante programa decorativo e iconográfico do piso nobre da Quinta Alegre está intimamente ligado à ideia de ostentação e aparato, ao gosto e poder económico do proprietário José Bento de Araújo que se perpetuou pela sucessão geracional indirecta da família Pereira/ Coruche que ocupariam a quinta até ao início do século XX, após o que voltaria à posse da família Telles da Silva.

Espaço privilegiado e com uma magnífica vista para o Mar da Palha, o jardim da Quinta Alegre é um prolongamento da arquitectura residencial da casa. Com um poço, lago, cavalariças e zonas agrícolas encontra-se hoje totalmente recuperado, procurando reassumir a sua essência romântica, como tão bem nos ficou documentado fotograficamente por Joshua Benoliel (1873-1932) nas divulgadas *Gardens - Parties* da Revista *Ilustração Portuguesa* em 1908 com as diversas representações e vivências do universo feminino e masculino no último

quartel do século XIX em Portugal e nas marcantes metamorfoses na relação entre pares.

O jardim desenvolve-se em patamares de diferentes níveis. O primeiro é limitado por muro com alegretes, tendo já desaparecido o tanque central polilobado e os canteiros de buxo que o ornamentavam; uma larga escadaria em pedra conduz a um segundo patamar que possui ainda hoje um tanque e, um poço também em cantaria.

Os muretes outrora revestidos de forma mais integral por azulejos seriados a azul e branco do século XVIII apresentam-se hoje como uma espécie de mostruário do azulejo desse período; desde figuração avulsa, folhas de acanto, palmetas, enrolamentos e concheados, plintos entre outros elementos.

Quem hoje visita a Quinta Alegre pode partilhar o ambiente arquitectónico privilegiado e o programa decorativo que materializa a vivência e o prestígio social, económico e ideológico de quem a habitou, elementos que seriam determinantes para sua reabilitação

A Quinta Alegre assume-se como um espaço de memória acumulando as diferentes vivências durante um tempo longo pertencente aos seus proprietários e num enquadramento arquitectónico privilegiado.



Fig.1 – Edifício do Largo da Biblioteca Pública, propriedade de José Bento de Araújo, e casa de família dos seus sobrinhos (Fotografia das autoras)



Fig.2 – Quinta Alegre: entrada principal (Fotografia das autoras)



Fig.3– Fachada lateral sobre o jardim (Fotografia das autoras)



Fig.4 - Pátio de honra e fachada principal (Fotografia das autoras)



Fig.5 - Pormenor da pintura mural alusiva às Artes (Fotografia das autoras)



Fig.6 - Pormenor da pintura mural. Sala de aparato. Antiga sala de jantar (Fotografia das autoras)



Fig.7 - Pormenor da pintura mural. A designada Sala dos Panos (Fotografias das autoras)

1 CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, COELHO, Teresa de Campos - "O Palácio dos Marqueses de Alegrete à Mouraria: do Palácio ausente à memória do sítio" In *CADERNOS do Arquivo Municipal*, II Série, volume V, *Histórias de Casas e de quem la vive(u)*, vol. I, Coordenação Maria Raquel Henriques da Silva, Janeiro-Junho 2016, pp. 81-126; *Idem* - "Quinta das Lapas. Recreio e Erudição numa notável morada do 1º marquês de Alegrete (1641-1709)". *III Colóquio Internacional - A Casa Senhorial. Anatomia dos interiores*, Universidade Católica do Porto, CITAR, Porto, pp. 43-66; *Idem* - "Manuel Telles da Silva (1641-1709) e um GOSTO ERUDITO PELA ARQUITECTURA DE SETECENTOS - sociabilidades, vivências e espaços de habitar". *Actas do "V.º Congresso*

Internacional Casa-Nobre: Um Património para o Futuro, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez (no prelo); *Idem* – Textos de apoio à exposição “Quinta Alegre”, organizada pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa: Lisboa, Quinta Alegre, Julho de 2017; *Idem* – “Quinta Alegre: uma quinta de veraneio nos arredores de Lisboa. O distinto e apurado gosto da bella casa da Quinta Alegre”, in *Quinta Alegre*, Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (no prelo). Sobre o património desta família veja-se também, entre outros: CATARINO, Maria Manuela; DUARTE, Joaquim Moedas - A Quinta das Lapas: da casa construída pelo 1.º Marquês de Alegrete a jardim Romântico/Neoclássico do século XIX. In COLÓQUIO CHÁS DE PEDRA, 5, Azenhas de Santa Cruz, 2015 – *A quinta*. Torres Vedras: Câmara Municipal, 2015; MIGUEL, Pedro Lopes Madureira da Silva - *Descobrir a dimensão palaciana de Lisboa na primeira metade do século XVIII. Titulares, a corte, vivências e sociabilidades*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimientos, 2012. SILVA, Augusto Vieira da - “Sítio e Palácio do Marques de Alegrete”, in *Revista Municipal*, n.os 30 e 31, Câmara Municipal de Lisboa: 3º e 4º trimestres de 1948, pp. 3 a 15.

2 Decreto nº 44 452 de 5 de Julho de 1962, a que se acresce o Decreto nº 129/77 de 29 Setembro que esclarece sobre a abrangência dos elementos classificados: palácio, jardins e construções ou elementos decorativos nela existentes.

3 Como vem descrita no primeiro registo predial datado de 1937 o que se deve, sem dúvida, à atividade comercial de José Bento de Araújo (?-1844) que a terá (re)construído no século XIX.

4 ANTT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, 1758, Tomo 11, C4, nº 297, pp. 2047 e 2052

5 A biografia do 1º Marquês de Alegrete tem vindo a ser também por nós delineada nos artigos que dedicamos ao património da família. Salientamos aqui apenas a sua importância como homem de confiança de D. Pedro II, como se pode deduzir dos muitos e importantes cargos que desempenhou na Corte. Protagonista da cultura erudita que então circulava quer nos salões do seu palácio à Mouraria, quer nos do Conde da

Ericeira à Anunciada, essa mesma erudição está também expressa no património que construiu como se pode comprovar, entre outros exemplos, nas arquiteturas que pontuam a Quinta das Lapas, diretamente inspiradas na Tratado de Serlio (CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, COELHO, Teresa de Campos - “Quinta das Lapas. Recreio e Erudição numa notável morada do 1º marquês de Alegrete (1641-1709)”, ob. cit., pp.43-66.

6 CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, COELHO, Teresa de Campos - “Quinta Alegre: uma quinta de veraneio nos arredores de Lisboa....”, ob. cit. (no prelo).

7 *Idem*, *Ibidem*. Segundo informação da Dr.ª Maria José Telles de Menezes Pinheiro, irmã do actual Marquês de Alegrete, é tradição na família de que a quinta teria sido anteriormente vendida, para voltar a ser adquirida pelos Marqueses de Alegrete já no início do século XX.

8 Cujá definição coincide, em grande parte, com a que nos dá o Padre Raphael Bluteau: “*Casas nobres chamamos as que têm logea ou pátio com aposentos capazes para uma nobre família*”. *Vocabulário Portuguez e Latino [...]*, Vol. VII, Lisboa: na Officina de Pascoal da Sylva, MDC-CXX, p. 66.

9 *Idem*, *Ibidem*. Nos anos seguintes esta propriedade apareceria descrita da mesma maneira.

10 Primeiramente pelo filho Joaquim Pereira da Costa (1849-1876), que viria a ser Visconde de Pereira. Falecido este sem descendência, o seu património (nomeadamente a quinta) passaria para a irmã, Maria da Assunção Pereira da Costa, Viscondessa de Coruche pelo seu casamento com Caetano da Silva Luz (1842-1904), figura determinante para a História da Agricultura portuguesa e, posteriormente, para o filho destes Luiz Caetano Pereira da Costa (1869-1923). Em 1919 falece em S. Bartolomeu da Charneca Fernando Telles da Silva Caminha e Meneses (1881-1919) 6º Marquês de Alegrete, muito provavelmente na Quinta Alegre, o que nos permite deduzir que ela estava já novamente na posse desta família.

11 Não está documentada, até ao momento, a autoria das pinturas destas salas. Por aproximação comparativa com outras quintas na zona, tem sido avançado o nome de Joaquim Marques (1755-1822), um pintor - decorador

lisboeta ativo durante este período que conviveu de perto com o pintor Jean Pillement. CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, COELHO, Teresa de Campos –“*O distinto e apurado gosto da bella casa da Quinta Alegre*””, ob. cit. (no prelo).

12 Quando do restauro das pinturas verificou-se a existência de uma campanha decorativa anterior que poderá corresponder à realizada no tempo de Joaquim Pereira da Costa. Teríamos assim, uma proposta de datação para a decoração deste espaço: realizada entre 1844 (data da morte de José Bento de Araújo e 1864,data da notícia *Archivo Pittoresco* que nos diz: “[A quinta] foi e muito melhorada e aformoseada por seu sobrinho e herdeiro Joaquim Pereira da Costa “: CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, COELHO, Teresa de Campos –“*O distinto e apurado gosto da bella casa da Quinta Alegre*”ob. cit. (no prelo).

13 *PALÁCIO DO MARQUES DO ALEGRETE E JARDIM - ROMÂN-TICO* - Relatório técnico da intervenção de conservação e restauro, Signinum. Gestão do Património Cultural, 2017.